

## A SEMANA – 95

John Gledson

No dia 12 de março, apareceu nos jornais um ultimato dirigido pelo governo de Floriano aos rebeldes, informando que chegara a hora de pôr fim à revolta, e que para isso as forças da legalidade usariam todos os meios ao seu dispor: “é fixado o prazo de 48 horas, a terminar ao meio-dia de terça-feira próxima, 13 do corrente, para o começo das hostilidades” e que “desta sorte, pois, avisa às pessoas que desejarem ausentar-se da cidade, que o podem fazer sem precipitação nem tumulto, confiadas nas providências do governo.” No dia seguinte, dia 13, a *Gazeta* noticia que “a manhã de ontem foi de verdadeiro reboiço para grande parte da população desta capital. Por todas as ruas desta cidade viam-se grupos, famílias inteiras, magotes, que fugiam para o interior, em consequência do convite oficial que foi dirigido à população, durante todo o dia de ontem. (...) O dia de hoje naturalmente prolongará a série de fugas precipitadas, como se deu ontem. Ao meio-dia mais ou menos as baterias começaram a bombardear a ilha das Cobras [ilha muito próxima ao centro da cidade, e que estava ocupada pelos rebeldes].” Avisou-se que a *Gazeta* não se publicaria no dia seguinte, dia 15. No dia 16, a reportagem sobre a revolta diz que há boatos que o almirante Saldanha da Gama, chefe da esquadra revoltosa, consultara o comandante do *Mindelo*, navio português, se podia contar com asilo para ele e os seus oficiais. Os tiros do meio-dia do dia 13 não tiveram seguimento. Nesse dia, “ao passo que um número notável de pessoas se retiravam do centro da cidade para os subúrbios (...) um número não menor de curiosos procurava os pontos elevados de onde, relativamente abrigados, poderiam observar o espetáculo, que prometia ser grandioso. As horas, porém, passaram-se, e o bombardeio limitou-se aos tiros com que as forças de terra chamavam os revoltosos, que não respondiam”. Era o fim da revolta.

Na sua casa de Cosme Velho, bem terra adentro, Machado estaria ao abrigo de quaisquer tiros – ouviria realmente os tiros do meio-dia, como diz? Vê só as mulas, “cansadas de levar tanta gente”, e os espectadores, “com óculos e binóculos”, que

sobem aos morros. “Foge”, novamente, para a literatura, e revela um conhecimento extenso e detalhado da *Iliada*, o grande poema da guerra.

Esta crônica consta de *A Semana*, de Mário de Alencar, p.119-123.



## A SEMANA

18 de março de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Logo que se anunciou a batalha do dia 13, recolhi-me a casa, disposto a não aparecer antes de tudo acabado. Convidaram-me a subir a um dos morros, onde o perigo era muito menor que o sol; mas o sol era grande. Nem a vista dos homens que passavam, desde manhã, com óculos e binóculos, me animou a ir também ver a batalha. A preguiça ajudou o temor, e ambos me ataram as pernas.

Em casa, ocorreu-me que podia ter a visão da batalha, sem sol nem fadiga. Era bastante que me ajudasse o gênio humano com o seu poder divino. A história, por mais animada que fosse, não sei se me daria a própria sensação da coisa. A poesia era melhor; Homero, por exemplo, com a *Ilíada*. Nada mais apropriado que este poema. Troia, um campo entre a cidade e os navios, e no campo e nos navios as tropas gregas. Aqui as fortalezas e as balas formariam o campo.

Ouço uma objeção. A pólvora não estava inventada no tempo de Homero. É certo; mas também é certo que outras coisas havia no tempo de Homero, que totalmente se perderam. Nem eu pedia mais que a vista da realidade por sugestão da poesia.

Ao meio-dia, troando os primeiros tiros, abri o poeta. Pouco a pouco fui mergulhando na ação cantada. As pancadas que os cocheiros de bondes davam com os pés, para instigar as mulas, cansadas de puxar tanta gente, já me pareciam o tumulto dos carros dos guerreiros. Percebi o efeito da leitura. Quando o meu criado me levou ao gabinete uma cajuada, cuidei que era a deusa Hebe<sup>1</sup> que me servia uma taça de néctar, e disse:

– Hebe divina, graças à tua excelsa bondade, vou apreciar esta delícia, desconhecida aos homens.

José Rodrigues, com espanto de si mesmo, retorquia-me:

– Tu és já um deus, tu estás no próprio Olimpo, ao lado de Júpiter.

Vi que era assim mesmo. Mas, em vez de entrar na luta dos homens, como os outros deuses, meus colegas, deixei-me estar mirando o furor dos combates, o retinir das

---

<sup>1</sup> A deusa da Juventude, filha de Zeus (Júpiter) e Hera (Juno), e que servia vinho aos outros deuses. V. p.ex. a *Ilíada*, IV, 2.

lanças nos broquéis, o estrondo das armaduras quebradas, o sangue que corria dos peitos, das pernas e dos ombros, os homens que morriam e as vozes grandes de todos. Era belo ver os deuses intervindo na pugna, disfarçados em pessoas da terra, desviando os golpes de uns, guiando a mão de outros, cobrindo a estes com uma nuvem para fazê-los sair do campo, falando, animando, descompondo, se era preciso. Os seus próprios ardis eram admiráveis.

De quando em quando, a memória e o ouvido juntavam-se à leitura, e a realidade ia de par com a ficção. Assim, no momento em que Marte, lanceado por Diomedes, volta ao céu, onde Péon lhe deita um bálsamo suavíssimo, na ferida, que o faz sarar logo,<sup>2</sup> veio-me à lembrança a notícia lida naquela manhã de estarem fechadas todas as farmácias da cidade, menos a do Sr. Honório Prado.<sup>3</sup> Depois, quando o capacete de Agamêmnon recolhe os sinais dos guerreiros, o arauto os agita, e tira-se à sorte qual será o valente que terá de lutar com Heitor,<sup>4</sup> ouvi, lembro-me bem que ouvi uma voz conhecida na rua: “Um de resto! vinte contos!” Tudo, porém, se confundia na minha imaginação; e a realidade presente ou passada era prontamente desfeita na contemplação da poesia.

Todos os guerreiros me apareciam, com as armas homéricas, rutilantes e fortes, os seus escudos de sete e oito couros de boi, cobertos de bronze, os arcos e setas, as lanças e capacetes, Agamêmnon, rei dos reis, o divino Aquiles, Diomedes, os dois Ájax, e tu, artificioso Ulisses, enfrentando com Heitor, com Eneias, com Páris, com todos os bravos defensores da santa Ílion. Via o campo coalhado de mortos, de armas, de carros. As cerimônias do culto, as libações e os sacrifícios vinham temperar o espetáculo da cólera humana; e, posto que a cozinha de Homero seja mais substancial que delicada, gostava de ver matar um boi, passá-lo pelo fogo e comê-lo com essa mistura de mel, cebola, vinho e farinha, que devia ser mui grata ao paladar antigo.

A ação ia seguindo, com a alternativa própria das batalhas. Ora perdia um, ora outro. Este avançava até à praia, depois recuava, terra dentro. O clamor era enorme, as mortes infinitas. Heróis de ambos os lados caíam, ensopados em sangue. O terror desfazia as linhas, a coragem as recompunha, e os combates sucediam aos combates. Eu, do Olimpo, mirava tudo, tão tranquilo como agora que escrevo isto. Minto; não podia esquivar-me à comoção dos outros deuses. Assim, quando Pátroclo, vendo os seus quase perdidos, saiu a combater com as armas de Aquiles, senti a grandeza do espetáculo;<sup>5</sup> mas nem esse nem outro gosto algum pode ser comparado ao que me deu o próprio Aquiles, quando soube que o amigo morrera às mãos de Heitor.

---

<sup>2</sup> Cena no final do livro V da *Ilíada*: Ares, nome grego do deus, é odiado pelos outros deuses e até pelo pai dele, Zeus, pelo seu caráter sanguinário.

<sup>3</sup> Ver a crônica de 25 de fevereiro, nota 3. Não encontrei este aviso.

<sup>4</sup> Cena da *Ilíada*, livro VII, v. 161 ss. Os guerreiros mencionados no próximo parágrafo todos participam. O arauto é Nestor.

<sup>5</sup> Cena da *Ilíada*, livro XVI, v. 125 ss.: pela primeira vez, os troianos conseguem queimar um navio grego, e Aquiles, que se recusara a combater, dá ao amigo as armas, para que combata em seu lugar.

Vi, ninguém me contou, vi as lágrimas e a fúria do herói. Vi-o sair com as novas armas que o próprio Vulcano fabricou para ele; vi depois ainda novos e terríveis combates.<sup>6</sup> No mais renhido deles, desceram todos os deuses e dividiram-se entre os exércitos, conforme as suas simpatias. Só ficamos Júpiter e eu. E disse-me o rei dos deuses:

– Anônimo (chamo-te assim, porque ainda não tens nome no céu), contempla comigo este quadro não menos deleitoso que acerbo. Até os rios buscaram combater Aquiles;<sup>7</sup> mas o filho de Peleu vencerá a todos.

Não direi o que vi, nem o que ouvi: teria de repetir aqui uma interminável história. Foi medonho e belo. Os deuses, mais que nunca, ajudavam os homens. Momento houve em que eles próprios combateram uns com outros, entre grandes palavradas, cão, cadela, e muito murro, muita pedrada, uma luta de raivas e despeitos. Enfim, Aquiles matou Heitor.<sup>8</sup> Jamais esquecerei as lamentações das mulheres troianas. Assisti depois às festas da vitória, corridas a cavalo e a pé, o disco e o pugilato.

Eram seis horas da tarde, quando me chamaram para jantar. Pessoas vindas dos morros próximos contaram que não houvera batalha alguma; desmenti esse princípio de balela, referindo tudo o que vira, que foi muito, longo e áspero. Não me deram crédito. Um insinuou que eu tinha o juízo virado. Outro quis fazer-me crer que a fogueira em que ardiam os restos de Heitor, era um simples incêndio na ilha das Cobras. Os jornais estão de acordo com os meus contraditores; mas eu prefiro crer em Homero, que é mais velho.



---

<sup>6</sup> Para a famosa cena da fabricação das armas de Aquiles por Vulcano (Hephaestos), e a descrição do escudo, *Ilíada*, livro XVIII, v. 468 ss. Os combates subsequentes, com a intervenção dos deuses, começam no livro XX.

<sup>7</sup> No livro XXI, linhas 228 ss., o rio Xanto, numa cena muito dramática, luta do lado dos troianos e tenta afogar Aquiles, que é salvo pelos deuses.

<sup>8</sup> Aquiles mata Heitor no livro XXII da *Ilíada*, v. 320 ss.; as lamentações das mulheres de Troia, mais adiante no mesmo livro. Os jogos, corridas etc., ocupam o livro XXIII.